

“A CONCEPÇÃO”: A POÉTICA POLÍTICA DE UM MOVIMENTO JUVENIL

Ricardo Mendes Mattos (USP)¹

RESUMO: A morte do ego e o parto de múltiplas personagens instantâneas foi o mote do movimento chamado de “A Concepção” (2006), filme dirigido por José Eduardo Belmonte. Festas, orgias sexuais, uso de drogas e estelionato estavam entre as principais táticas dos concepcionistas. Os jovens de Brasília tematizados no longa metragem desenvolvem suas ações políticas baseados em obras poéticas, principalmente de William Blake, Arthur Rimbaud e Fernando Pessoa. Quais as feições poéticas e políticas dos concepcionistas? A análise dessas fontes literárias permite aprofundar a proposta do movimento juvenil em dissolver o ego em uma diversidade de outros. Da mesma forma, a análise política dessa revolta permite aproximar sua característica temporária e nômade de heresias medievais (como a do Movimento do Livre-Espírito), da geração *beat* norte-americana e da proposta de zona autônoma temporária, de Hakim Bey.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; Identidade; Movimentos Sociais; Anarquia; Pós-modernidade.

ABSTRACT: The death of the ego and the birth of multiple characters was the motto of the movement called "The Conception" (2006), film directed by filmmaker brazilian José Eduardo Belmonte. Festivals, sex orgies, drug use, and forgery of documents were among the main tactics of conceptionists. The young people of Brasilia/Brasil themed in the film develop their political actions based on poetic works, mainly of William Blake, Arthur Rimbaud and Fernando Pessoa. What are the poetic and political features of the conceptionists? The analysis of these poetic sources allows to deepen the proposal of the youth movement in dissolving the ego in a diversity of others. On the other hand, the political analysis of this revolt allows us to approximate its temporary and nomadic character of medieval heresies (such as the Free Spirit Movement), the American beat generation, and Hakim Bey's proposal for a temporary autonomous zone.

KEYWORDS: Youth; Identity; Social movements; Anarchy; Postmodernity.

O filme “A Concepção” retrata um movimento de jovens dispostos a aniquilar a identidade pessoal e fluir em múltiplas personas. Em meio a orgias, experiências com drogas e falsificação de documentos, os jovens incorporam uma potência do mundo contemporâneo: a liquidificação de tudo o que é sólido, a variação de toda unidade, a diversificação de toda identidade.

Se os movimentos jovens da década de 1960 – como o movimento negro, gay ou feminista – buscavam a identidade como mote de organização em comum, os “concepcionistas” apostam na invenção de si, num parto cotidiano da diversidade. A aposta

¹ Pós-Doutorando do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. E-mail: ricardomendesmattos@gmail.com

política do mundo moderno era modelar a subjetividade a partir do desempenho de papéis sociais estabelecidos em uma identidade estável. A identidade profissional, de gênero ou familiar conferia prestígio social, apenas na medida em que recompensava o sujeito pela adequação a moralidade de costume. O ser humano idêntico a si mesmo, estável e previsível, era mais facilmente controlável.

O mundo contemporâneo, contudo, aposta no controle das subjetividades não a partir da estagnação de seu movimento, mas do direcionamento de seus fluxos. A multiplicação das personas é a encarnação de um tempo de produtos facilmente criados e descartados, cuja inovação se esconde em disfarces de originalidade suspeita, simulada, em meras imagens vazias. O transtorno de dissociação de identidade, catalogado pela psiquiatria, camufla uma epidemia virtual: a criação cotidiana de personagens que navegam na *internet* multiplicando a subjetividade fragmentada que já não sabe o que é. Não é, pois não responde ao ser; mas sempre vem-a-ser, pois responde ao devir.

Poder-se-ia analisar o filme de José Eduardo Belmonte a partir da discussão sobre a modernidade *versus* pós-modernidade ou mesmo dos conceitos de identidade ou subjetividade – como sinalizam Sousa e Magalhães (s/d). Contudo, o presente artigo busca um caminho tangencial. Os personagens do longa metragem evocam máximas de diversos poetas que, muito provavelmente, influenciaram a elaboração do roteiro de Breno Alex e Luís Carlos Pacca. Da mesma forma, o “movimento concepcionista” possui um viés político radical que propõe questões para se refletir sobre os movimentos sociais juvenis contemporâneos. Assim, busca-se contextualizar “A Conceção” no interior de produções artísticas que tiveram propósito parecido de dissolução da identidade (a poesia de Walt Whitman, Arthur Rimbaud e Fernando Pessoa), além de expressões políticas como heresias medievais, a rebeldia da geração *beat* ou a anarquia mística de Hakim Bey.

Sendo uma ideia presente em poetas do *fin de seclè* e do auge do modernismo, o despedaçamento do indivíduo, pretensamente indivisível, não pode ser associado unicamente ao que se considera o pós-moderno. Uma análise por dentro da obra cinematográfica, especialmente a partir de diálogos intertextuais com a literatura, permite discutir o devir da própria ideia de ruptura da identidade. Pois a ideia dos concepcionistas de invenção de si é, ela também, de uma novidade suspeita.

Primeiramente far-se-á uma síntese do filme, com enfoque na formação do movimento dos concepcionistas, suas principais ideias e ações. Posteriormente, aborda-se as

obras literárias que dialogam com o filme (sua poética) e a esfera política desse levante juvenil.

1. MOVIMENTO CONCEPCIONISTA

O filme de Belmonte tematiza um movimento juvenil de Brasília, que se auto intitula “A Conceção”. É criado em meio ao tédio que assola jovens descontentes com o modo de vida a eles predestinado: permeado pelas expectativas de se tornarem funcionários públicos ou profissionais respeitados. A frustração com a cidade seca é expressa por Lino, narrador da trama: “Brasília é uma merda!”

Os jovens, reunidos na República Concepcionista, tinham em comum o descontentamento com a vida. Lino aponta: “tudo começou quando eu levei um pé na bunda. Aí eu resolvi que ia ser uma nova pessoa”. Alex vivia sem a família, que se mudou para Espanha, tal como Liz, cujos pais foram exercer a diplomacia em Bangladesh. Ariane conhece o grupo após tentar suicídio e mesmo “X”, o arauto dos concepcionistas, expressa sua vontade: “ficar livre da minha casa, dos meus amigos, da minha família, do meu dinheiro, dos meus livros, da minha religião, do meu trabalho, da puta que pariu...”. Essa desilusão com os relacionamentos, trabalho e família estão subjacentes a uma revolta que beira o desespero: “tocar o foda-se pra tudo” é expressão corrente entre esses jovens.

A repulsa ao modo de vida dominante desencadeia a afinidade do grupo. Havia influências poéticas e religiosas em comum. Alex e Liz assistem a uma palestra budista em que se menciona: “Krishnamurti afirmava que a dor e a frustração só existem porque temos a memória. A memória é algo que deve ser esvaziado, deve-se morrer a cada dia”. Além desse desapego ao ego e do esvaziamento da memória, há diversos versos poéticos que são ditos com entusiasmo em diferentes momentos do filme, com a força de palavras de ordem do grupo: “O caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria” (William Blake), “embriaguez sagrada, nós te afirmamos método” (Arthur Rimbaud) e “que venha a doce morte” (Henriqueta Lisboa).

Em uma madrugada na zona de prostituição, Lino e Alex conhecem um travesti que encanta a ambos com ideias fora do convencional: “ter uma ideia a cada dia, todas as ideias, e ser sincero a cada uma delas, a cada minuto. Conseguir a tão almejada liberdade de espírito e amar a todas as coisas como Deus”. Ou, ainda: “Ser tudo, de todas as maneiras, a cada minuto”. São passagens de um poema de Álvaro de Campos.

Após uma orgia entre os três, o travesti passa a morar no apartamento e ser conhecido como “X”, apresentado da seguinte forma por Lino:

Não tem como negar: a gente só chegou onde chegou graças ao X. Ninguém sabia de onde o X vinha. Inclusive a gente chama ele de X porque não sabia o nome dele. O nome era uma prisão, segundo ele. X era um profissional na arte de não ser ninguém. Sabia como falsificar carteiras e sumir na hora que ia ser descoberto. O que não faltava a ele eram técnicas. Nunca se achou nada sobre o passado dele. Se não fossem algumas imagens, fotos, super 8, não teríamos como provar que ele morou entre nós. Escondia sotaques, misturava tudo, falava uma língua a cada dia de um jeito diferente. Sabia ser sedutor, idiota, grosseiro, culto... escondia sempre a verdade. Dizem que era médico... devia ser porque o cara sabia de remédio pra caralho. A Liz falou que ele é um alquimista. Talvez não fosse médico, devia ser algum ex-bandido. O cara sabia de disfarce pra cacete, também: conseguia mudar o rosto totalmente, de um dia pro outro. Tirava uma onda de filósofo... falava que toda ação é inerente a política... O Márcio achava que era um ex-guerrilheiro que pirou sem volta. E foi dele a ideia toda do movimento.

Com “X” o “movimento” toma corpo e promove seu “manifesto”, pautado nos seguintes pontos: “morte ao ego”; “ser uma nova personalidade a cada dia”; “...resolver o problema da morte”; “todo concepcionista deve dormir pelado”; “a humanidade está doente, o concepcionismo é o caminho para a cura”; “só o concepcionista sabe viver sem dinheiro”; “o concepcionista é uma fraude que dura 24 horas”. Após essas máximas, ditas ao acaso pelos jovens presentes, todos passam a queimar o próprio documento de identidade. Posteriormente: “começa a orgia, caráter único de todo concepcionista”.

A filosofia do movimento concepcionista combate a ideia de “essência”, ou seja, de que cada ser possui um núcleo estável e etéreo. Tal como o filósofo Jean Paul Sartre (1987) assentava o existencialismo com a máxima de que a “existência precede a essência”, os concepcionistas rejeitavam toda a fixação do ser pela fruição do devir.

Daí a tentativa de resolver o problema da morte. A morte, tal como fala X, é dada pela estabilidade da personalidade e a mesmice de si ritualizada nos papéis sociais: “Só assim é possível ser uma pessoa a cada dia e não morrer. Porque você ficar preso a você é igual morrer. Eu quero mais... eu quero voar mais... quero dividir com os deuses e ser tudo”. Essa morte dada pelos papéis rígidos e controlados é a doença da humanidade. Se resolve o problema assassinando o “ego”. O ego é tomado como este centro do eu que lhe confere a estabilidade. Assim, a morte do ego implica a multiplicação de uma personalidade nova a cada dia. Ou seja, forjar ininterruptamente novos personagens e devir na variedade da vida, como um deus. Tais personas, facilmente descartadas, são farsas e fraudes, um tom criminoso inerente a proposta do movimento. Por fim, o excesso proposto por Blake é consagrado na

prática do nudismo, em festas e em orgias. Eis as apostas dos concepcionistas. Vejamos suas ações.

A morte ao ego e a multiplicação de personalidades lançavam mão de vários artifícios, principalmente o estelionato e o uso de drogas.

“X”, na noite após a ser um travesti se prostituindo, acorda, veste um terno e vai discutir negócios de turismo em um hotel. Liz capricha na peruca e se faz prostituta, que se traveste no dia seguinte como alta executiva. Alex num dia era “Lourenço Paulo da Silva, borracheiro”, noutro “João Carlos Coelho, vendedor de insumos”. Como sintetiza Lino: “Então a gente precisava todo dia não só criar um novo nome, uma nova roupa, criar um CPF, criar uns cartões, uns cheques....”.

Liz, a mais radical dos concepcionistas, viaja pelo Brasil acumulando essas novas personalidades e escreve cartas a pessoas desconhecidas, como a seguinte:

Meu caro desconhecido, sei que pode parecer estranho você receber essa carta. Escolhi seu endereço do nada: abri a lista e joguei um chiclete numa página e deu seu endereço. Outro dia quebrei uma garrafa de vodca e vi os pedacinhos se estilhaçando no ar e queria ser um dos pedacinhos. Acho que hoje eu consegui. Nunca me senti tão estranha: isso deve ser felicidade. Sou uma concepcionista. Não dá para explicar o que é, talvez um dia você descubra. Mas com certeza você sempre pensou em ser um (...) Pode ser que a própria natureza te faça um concepcionista.

A quebra do ego e a multiplicação de fragmentos dispersos era conquistada a partir do “estelionato” e da “falsidade ideológica” – para utilizar termos do próprio “X”. Ser uma farsa se alça a partir do prazer com o ato criminoso.

Outro dispositivo utilizado para a criação de novos personagens e para apagar a memória eram as drogas. Em uma “uma palestra concepcionista” se faz a exposição detalhada dos efeitos de diversos psicoativos. Por exemplo: “GHB: apagão cerebral. Com uma dose desse aqui vocês não vão lembrar mais nada (risos)!”. E eficácia do GHB era exaltada pelos concepcionistas que acordavam de 2 em 2 horas para consumir, ficando insones: “depois de uma semana você nem lembrava mais o que era; você nem sabia mais se era gente”.

Havia também a exaltação da loucura, especialmente no vídeo “A esquizofrenia não é uma doença”, “filme concepcionista de autor desconhecido”. O sofrimento psíquico caracterizado pela cisão do ser é aclamado: “A esquizofrenia não é uma doença: é uma forma de arte”.

Alguns concepcionistas faziam atentados em espaços públicos, estourando bombas em lixeiras. Mas, cotidianamente, a celebração do excesso se dava em intensas baladas e festas frequentes, regadas a drogas e orgias sexuais.

O “fim” do movimento se dá por iniciativa de “X”, de maneira inusitada e bem concepcionista. Ele adota a personagem de um policial e entra em contato com os pais de Liz, denunciando: “sua filha entrou em um movimento. Esse grupo está envolvido com o tráfico de drogas, furto, estelionato, falsidade ideológica, atentado ao pudor...”. Assim, a polícia invade a “República Concepcionista” e prende todos. O escândalo é noticiado na grande mídia.

Os principais concepcionistas, contudo, não são presos. X, em diálogo com Alex e Liz, afirma: “Acho que chegou a hora: acabou. Agora vocês vão ter que ser concepcionistas de verdade (...) Só o indivíduo pode resolver os seus conflitos”. Essa aposta no indivíduo é inusitada. “X” parece ter acabado com o movimento coletivo a partir da convicção de que a apenas individualmente se pode ser um concepcionista. Rompe-se com qualquer identidade coletiva, em prol de um individualismo nas ações.

Assim, vivem separados e clandestinamente ao modo do movimento: com empregos irregulares, personalidades forjadas e falsificações, além de venderem reportagens para a mídia. Encontram-se, esporadicamente. Liz procura Alex e Lino, ludibria-os e os abandona, como afirmação da fraude concepcionista.

Ao final, Márcio acaba no hospício e não vê mais ninguém, assim como Alex que se muda de endereço. Ariane intercala internações psiquiátricas com os cuidados de seu pai desvalido, num clima incestuoso. Liz tem um filho, fruto das relações sexuais com colegas concepcionistas. Lino é preso, com pena de 14 anos.

Na cena final do filme, Lino, aquele que narra a partir da memória as aventuras concepcionistas, projeta-se no futuro. Imagina o dia em que sai da prisão: “eu vou poder sumir sem morrer, sem ninguém... um dia. Enquanto isso eu fico aqui e vocês podem me chamar de X”. Com essa nova personagem, Lino reafirma a verve concepcionistas: serão todos “X”, sem identidade, passado ou estabilidade.

2. A POÉTICA CONCEPCIONISTA

2.1. WALT WHITMAN E A “CANÇÃO DE MIM MESMO”

Obra seminal na poesia mundial, a “Canção de mim mesmo” (*Song of Myself*), publicada originalmente em 1855, traz no próprio título a questão do *self*, da identidade, da personalidade. Walt Whitman (1819-1892) canta a si mesmo, desde o começo do poema,

dissolvido nos outros. Entusiasmado, como seu contemporâneo Charles Baudelaire (1821-1867), na grande novidade dos ambientes urbanos em ebulição, o poeta abandona seu próprio eu para variar na outridão: incorpora e navega em cores, sabores, cheiros, gestos e sons. É o corpo disperso no fluxo que borra os contornos entre eu-outro-mundo. Entusiasmado com o advento da eletricidade, o poeta quer variar nessa energia que atravessa incauta os corpos. Entusiasmado com o transcendentalismo de seu amigo Ralph Emerson (1803-1882), o poeta devém não apenas no espaço, mas no tempo, pois encarna personagens da história de seu país ou se projeta no tempo porvindouro. É nesse contexto que pode ser entendida sua passagem: “the other I am” (o outro sou eu). Ou seja, não há fronteiras entre as pessoas, pois, longe de enclausuradas em si mesmas, podem se interpenetrar e serem sempre outras.

À moda dos concepcionistas, o poeta provoca:

Você acha que seria bom ser autor de versos melódiosos,
Seria bom mesmo ser escritor de versos melódiosos;
Mas o que são versos diante da personalidade fluida que você pode assumir?...
para além dos bons modos e bons comportamentos? (1855/2008, p. 193)

A chave para a vivência dessa “personalidade fluida” (*flowing character*) é a noção de *merge*: a fusão dos seres pulsando numa espécie de caos amorfo, sem diferenças individuais, num tempo de eternidade. A partir da *merge* se pode ser altero, diverso, múltiplo. E o poeta provoca: “Pra que temer a fusão?” (1855/2008, p. 53). Pois, para ele, a variedade é irresistível: “Resisto a tudo menos minha própria diversidade” (1855/2008, p. 67).

É assim que, curiosamente, a proposta dos concepcionistas pode bem ser antevista na passagem inicial do seguinte poema: “Tinha um menino que saía todo dia, / E a primeira coisa que ele olhava e recebia como surpresa ou pena ou amor ou medo, naquela coisa ele virava, / E aquela coisa virava parte dele o dia todo ou parte do dia.... ou por muitos anos ou longos ciclos de anos” (1855/2008, p. 199). Essa dissolução no fluxo do mundo também leva o poeta a ser muitos outros: “Sou vasto... contendo multidões” (p. 129).

A ruptura de Whitman é erótica, estética, política e mística. Erótica pois a união dos corpos possui o símile completo no encontro amoroso, inclusive no sexo coletivo. É política, pois o corpo iguala negros, brancos, homens, mulheres, imigrantes, escravos, prostitutas, loucos, ladrões, enfim todos os cidadãos, numa legitimação da nascente democracia estadunidense. É uma proposta estética, pois é papel do poeta ir fundo na sensibilidade de seu tempo, cantando a diversidade da vida a partir da fusão. É mística, enfim, pois a *merge*

permite viver no fluxo perpétuo do cosmos de maneira estranhamente imanente e transcendental.

O poeta que inicia o poema: “Eu celebro a mim mesmo” só encontra a si disperso naquilo que não é: no outro, no mundo.

2.2. AS VIDAS DE ARTHUR RIMBAUD

Arthur Rimbaud (1854-1891), na conhecida *Carta do Vidente*, em que esboça sua poética juvenil, na ousadia de seus 17 anos, escreve das frases mais comentadas na literatura mundial: “Je est un autre” (Sou um outro). Trata-se de uma passagem em que comenta o quanto o “romantismo” nunca foi bem julgado. A compreensão do movimento romântico não poderia ser realizada por ele mesmo, mas pelo outro. Assim, o outro do romântico parece ser o próprio Rimbaud, que utiliza a matéria prima daquele movimento filosófico e artístico, mas de forma aperfeiçoada: “se o cobre acorda corneta, não é de sua culpa” (1871/s.d., p. 79).

A compreensão do eu só pode ser realizada por um outro, cabendo ao eu tornar-se outro. É assim que Rimbaud comenta de seu “nascimento” nesse processo de outridão. É a proposta de vidência a partir do auto-conhecimento: “O primeiro estudo do homem que quer ser poeta é o seu próprio conhecimento, inteiro”. Para tanto:

Digo que é preciso ser vidente, se fazer vidente. O Poeta se faz vidente através de um longo, imenso e refletido desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele procura ele mesmo, ele esgota nele todos os venenos, para só guardar as quintessências. Indizível tortura onde ele precisa de toda fé, de toda força sobrehumana, onde ele se torna entre todos o grande doente, o grande criminoso, o grande maldito, - e o supremo Sábio! (1871/s.d., p. 80).

O cultivo de si mesmo é feito a partir da loucura, do desregramento e da entrega à vida. Esse “método” do desregramento será tema do poema “Manhã de Embriaguez”, que traz a seguinte passagem: “Curta vigília de embriaguez, sagrada! (...) Nós te confirmamos, método! (...) Temos fé no veneno. Sabemos dar a nossa vida inteira todos os dias. Eis o tempo dos Assassinos” (1873-5/2007, p. 231). Este é o “método” dito pelos concepcionistas em duas passagens do filme.

Para a maioria dos comentadores, de acordo com Ivo Barroso (2007, p. 390), o poema tematiza a experiência de Rimbaud com o haxixe. Daí a intrigante frase final: a etimologia do termo assassino remete a Haschischins (assassinos), uma seita persa que, após o

uso da substância, cometia uma série de crimes. O uso de psicotrópicos e a prática ilícita são também parte do método dos concepcionistas.

É nesse contexto que podemos entender outra frase do poeta: “A cada ser, várias outras vidas me pareciam devidas” (RIMBAUD, 1873/2007, p. 77 – grifos do autor). Saber se entregar a vida, saber ser outro de si, permite multiplicar as possibilidades de se viver. Se a aposta de Rimbaud é “mudar a vida”, como repetiriam insistentemente os surrealistas, essa transformação se dá pela multiplicação da vida individual. Várias outras vidas é o convite para ser um outro e, assim, encontrar a si mesmo como múltiplo. Só assim se conhece a si mesmo e se torna “Sábio”. Para tanto, a entrega à vida e a embriaguez constituem o método. É esse o método confirmado pelos concepcionistas.

2.3. PERSONAS DE FERNANDO PESSOA

Leitor de Arthur Rimbaud e Walt Whitman, Fernando Pessoa é quem radicaliza a aposta de morte do ego. Pessoa pari múltiplas personas, variando sua aventura literária em diversos pseudônimos. É Álvaro de Campos, o mesmo de “Saudação a Walt Whitman”, quem escancara a necessidade de morte ao ego.

Em seu *Ultimatum*, publicado no número inaugural da revista *Portugal Futurista*, em 1917, o poeta lança mão de engenhosa teoria sobre os descompassos da sensibilidade moderna, incapaz de se adaptar às rápidas mudanças do contexto urbano industrial (CAMPOS, 1981). Feito esse diagnóstico, o poeta propõe uma série de intervenções “cirúrgicas”, no sentido de despirm as pessoas daqueles valores que as tornam inaptas à tal adaptação. Sugere, assim, a “abolição do dogma da personalidade”, entendida como abstração teológica segundo a qual cada ser é uno e separado do outro; e a “abolição do preconceito da individualidade”, que entende cada pessoa como una e indivisível. No campo da arte, estas intervenções gerariam o fim da “individualidade artística”, tendo cada poeta uma fruição em várias personalidades distintas, explorando diversos estados de espírito passageiros e experimentando inúmeros gêneros literários.

Aqui está a “morte ao ego” e a proposta concepcionista de “Ser uma nova personalidade a cada dia”. Para Álvaro de Campos, a ebulição do ambiente urbano oferece múltiplas possibilidades de sensibilidade que não podem ser acessadas por uma única pessoa. Sendo o papel do poeta ir fundo na sensibilidade de seu tempo, como pretendia Walt Whitman, o artista deveria ser uma personalidade poética a cada momento. Sabe-se que

Fernando Pessoa realizou de fato esse parto no diverso. A máxima de Campos era ser uma pessoa diferente a cada instante, pois era contra “qualquer convicção que dure mais que um estado de espírito” – inclusive uma “convicção” sobre quem se é de fato.

Há outras ideias de Álvaro de Campos presentes entre os concepcionistas. Em seu primeiro diálogo no filme, o personagem “X” afirma: “ter uma ideia a cada dia, todas as ideias, e ser sincero a cada uma delas, a cada minuto. Conseguir a tão almejada liberdade de espírito e amar a todas as coisas como Deus (...) Ser tudo, de todas as maneiras, a cada minuto”. Trata-se do famoso trecho inicial de “A Passagem das Horas”:

Sentir tudo de todas as maneiras
Ter todas as opiniões,
Ser sincero contradizendo-se a cada minuto
Desagradar a si próprio pela plena liberalidade de espírito,
E amar as coisas como Deus” (PESSOA, 2007, p. 173).

O poeta sensacionista se lança na variedade. Mais importante que ter uma opinião formada sobre as coisas é experimentar a diversidade de opiniões possíveis. Mais importante do que sentir algo à sua maneira é sentir tudo de todas as maneiras. Mais importante que ser singular é lançar-se na pluralidade. Mas tudo isso com liberdade de espírito e amor. É essa postura que torna o ser humano similar a um Deus – presente em tudo e em todos.

3. A POLÍTICA CONCEPCIONISTA

É certo que o ponto seminal do movimento concepcionista é sua potência poética. Ou seja, é em aventuras de poetas que o movimento aúfere sua veia subversiva. Contudo, “X” diz que “toda ação é política”, convidando para uma reflexão dessa natureza. Também expressões como “movimento” e “manifesto”, presentes nos concepcionistas, dão ensejo para se pensar: quais as características políticas da juventude retratada em “A Concepção”?

Um percurso possível seria pensar o movimento a partir da proposta de ruptura com a identidade, amplificando a dissolução da identidade pessoal para a dissociação da identidade coletiva. Assim, adentraríamos na constituição dos variados movimentos de trabalhadores que acompanham a história do capitalismo, enfatizando os interesses coletivos, com a coletivização dos modos de produção em detrimento da propriedade privada. Embora muito variados, tais movimentos lançavam mão de uma forte identidade de classe, aquela do trabalhador ou do operário, em luta por uma revolução social contra a sua classe antagônica, a burguesia. Durante a década de 1960, entretanto, fortalecem-se os então chamados

“movimentos de minorias”, que promovem a fragmentação da identidade de classe com a disseminação de uma multiplicidade de grupos identitários (como o movimento negro, feminista, ambientalista e gay, por exemplo) que já não almejavam uma revolução social geral, mas interesses coletivos mais específicos. Os concepcionistas radicalizariam essa dissolução da identidade coletiva, num movimento espontâneo e instantâneo que não se deixa fixar em qualquer identidade.

Há um processo progressivo de dissolução da identidade coletiva. Da identidade de classe que reunia sob uma mesma bandeira os movimentos operários, até a fragmentação da luta classista em diversos movimentos identitários de “minorias”, chegando enfim a uma perspectiva de ruptura da identidade (individual e coletiva) no movimento ficcional dos concepcionistas.

O impacto político de tais movimentos sociais também vai se reduzindo: da revolução social dos movimentos operários, para a luta por direitos sociais e políticos no marco do Estado burguês, redundando em um movimento juvenil que atende aos interesses de um pequeno grupo de jovens burgueses. Trata-se de uma mudança social profunda que se enfraquece a cada passo com o fim das utopias e o triunfo neoliberal contemporâneo.

Embora os concepcionistas anunciem a “cura da humanidade”, suas ações não possuem qualquer interface com a política oficial, adotando feições libertárias. Daí a possibilidade de um outro percurso: inserir os concepcionistas em movimentos marginais, como, principalmente, a revolta da geração *beat* norte-americana – tal como comentada por Claudio Willer (2009). As máximas de Blake, Rimbaud ou Whitman eram também fundamentos da aventura *beat*, em sua verve de uma política sobretudo poética. Práticas como o uso de drogas e orgias sexuais também aproximam tais movimentos. Por fim, um expediente *beat* consagrado era queimar dinheiro e viver de múltiplos empregos precários, ações fundamentais aos concepcionistas.

Nessa segunda chave de interpretação poderíamos seguir a tese de Claudio Willer, em “Os rebeldes: geração *beat* e anarquismo místico” (2014), quando vincula os *beats* as diversas heresias e movimentos religiosos subversivos. Tais heresias se multiplicam no crepúsculo do medievo, conforme salienta o situacionista Raoul Vaneigem (1993). Embora reúna grande variedade de heresias, há um movimento comum de amor livre e a ruptura com os marcos da sociedade da época, em uma vida de prazeres, sem pecado nem culpa. Muitas dessas heresias negam os marcos legais da sociedade, cometendo diversos furtos, em uma perspectiva criminal muito específica.

Dentre essas resistências político-eróticas do medievo merece destaque o Movimento do Livre-Espírito. Na síntese oferecida por Norman Cohn (1981), essa heresia era caracterizada por um extremo individualismo de místicos que acreditavam na experiência paradisíaca, para além do bem e do mal, em uma autodeificação. Como deuses, tudo lhes era permitido, em especial uma emancipação total com relação a quaisquer regras sociais. Uma das feições dessa emancipação era o que Norman Cohn denominou como “anarquismo místico”: viver de acordo com os próprios desejos, sem qualquer senso de dever ou “consciência”, num “amoralismo total”, recheado de nudismo em tempo integral e práticas sexuais coletivas como “signo de emancipação espiritual”. Por fim, os livre-espírito negavam a propriedade privada, acreditando que todos os bens devem ser coletivos, ideia que legitimava assaltos corriqueiros e o repúdio ao acúmulo de recursos financeiros.

Exatamente o Movimento Livre-Espírito serve de inspiração a Claudio Willer para compreender o anarquismo místico da geração *beat*. A ênfase do movimento medieval na liberdade sexual está na raiz do termo “libertino” (VANEIGEM, 1986), influenciando diversos movimentos eróticos como aquele fabulado por Marques de Sade em sua Sociedade dos Amigos do Crime. Os concepcionistas possuem ações muito parecidas com os libertinos do Livre Espírito: nudismo, orgias sexuais, festas rituais, atentados públicos, criminalidade e a deificação dos integrantes.

Em termos de anarquismo místico, a fugacidade do movimento concepcionista também lembra a aposta de Hakim Bey (2004), na experiência de zonas autônomas temporárias (TAZ). Originadas do “levante”, espontâneo e intenso, a TAZ instaura uma subversão instantânea no tempo e itinerante no espaço (a localização temporária), que foge a qualquer controle do Estado e da indústria do espetáculo. Os enclaves piratas ou a seita dos *hashshahin* (haxixes ou assassinos) que inspiram Bey, bem se assemelham as técnicas criminosas dos concepcionistas, assim como a intensidade da festa. Por fim, a experiência de um “nomadismo psíquico” ou “cosmopolitismo desenraizado”, que pauta a subjetividade na diversidade de si, aproxima-se da invenção de personagens múltiplas e passageiras que está no vórtice do movimento concepcionista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O questionamento da realidade social é marca da juventude. A revolta contra os padrões estabelecidos e o ímpeto revolucionário marcam a própria construção histórica desse

momento da vida. O querer ser diverso do que se é, a morte do ego, representa, antes de tudo, a profunda negação do modo de ser de seu tempo.

Numa sociedade cuja política oficial não representa, para grande parte da juventude, uma possibilidade real de transformação social, movimentos como aquele dos concepcionistas sinalizam para a importância de ações marginais, intersticiais e instantâneas. Tais bandeiras surgem a cada dia no ambiente virtual, sendo descartadas com a mesma fugacidade com que aparecem. Se são estratégias para fugir dos controles sociais, numa sociedade vigiada, se são marcas de um tempo em que tudo é transitório ou se refletem a desesperança proveniente do vazio de utopias, é uma questão para se refletir. Porém, não deixam de ser estratégias transgressoras para a desesperada necessidade de viver para além do ego burguês e das instituições capitalistas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

A *CONCEPÇÃO*. Direção: José Eduardo Belmonte. Produção: Paulo Sacramento e Lili Bandeira. Roteiro: Luís Carlos Pacca e Breno Alex. Olhos de Cão Produções Cinematográficas / Anhangabaú Produções / Sacramento Filmes / Film Noise, 2006. 1 filme (96 min.), som; color.

BARROSO, Ivo. Notas. Em: RIMBAUD, Arthur. *Prosa Poética*. (Ivo Barroso, trad.) 2ª. edição. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007. pp. 359-400.

BEY, Hakim. *TAZ: zona autônoma temporária*. 2a. edição. São Paulo: Conrad, 2004. 88 p. (Coleção Baderna).

CAMPOS, Álvaro. *Ultimatum*. Em: PORTUGAL FUTURISTA. *Portugal Futurista* – edição fac-similada. Lisboa: Contexto, 1981.

COHN, Norman. *Na senda do milênio: milenaristas, revolucionários e anarquistas místicos na Idade Média*. Porto: Presença, 1981.

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Álvaro de Campos*. (edição de Teresa Rita Lopes). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RIMBAUD, Arthur. Carta dita do Vidente. Em: _____. Arthur. *Rimbaud por ele mesmo*. (Daniel Fresnot, trad.). São Paulo: Martin Claret, 1871/s.d.

_____. *Uma temporada no inferno*. 2ª. Edição. (Paulo Hecker Filho, trad.). Porto Alegre: LP&M, 1873/2007.

_____. Iluminações. Em: _____. *Prosa Poética*. (Ivo Barroso, trad.) 2ª. edição. Rio de Janeiro: Topbooks, 1873-5/2007.

SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. 3ª. edição. (Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior, trad.). São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SOUZA, Cássia Tamyris; MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio. *O conceito de modernidade líquida nos filmes Para Sempre Lilya e A Concepção*. s/d. Disponível em: <<http://leg.ufpi.br/19sic/Documentos/RESUMOS/Humanas/Cassia%20Tamyris%20Sousa.pdf> ;. Acesso em: 06 de març. 2017.

VANEIGEM, Raoul. *La Résistance au christianisme: les hérésies des Orígenes au XVIII siècle*: Paris: Fayard, 1993.

VANEIGEM, Raoul. *Le mouvement du Libre-Esprit*. Paris: Ramsay, 1986.

WHITMAN, Walt. *Folhas de Relva*. (tradução Rodrigo Garcia Lopes). São Paulo: Iluminuras, 1855/2008.

WILLER, Claudio. *Os rebeldes: Geração Beat e anarquismo místico*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

WILLER, Claudio. *Geração Beat*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Recebido em: 20/04/2020

Aprovado em: 22/08/2020

Publicado em: 11/12/2020